

# ARQUÉTIPOS FEMININOS EM “DOM CASMURRO”, DE MACHADO DE ASSIS, E “MADAME BOVARY”, DE GUSTAVE FLAUBERT

Débora Mayumi Sasaki<sup>1</sup>

Rogério Tomaz<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as personagens femininas presentes nos romances *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, a fim de estabelecer uma pesquisa da psicologia feminina de Capitu em comparação com a de Emma Bovary. Desse pressuposto, as obras citadas apresentarão como era o papel da mulher na literatura, analisando os arquétipos das personagens femininas. Para tanto, recorre-se, como fundamentação teórica, o livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés e demais autores da área. Espera-se contribuir para os estudos em literatura comparada, principalmente no que tange aos estudos da mulher na literatura universal.

Palavras-chave: Mulheres na Literatura. Arquétipos. Machado de Assis. Gustave Flaubert.

<sup>1</sup> Aluna do curso de Letras/Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: deborasasaki@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Universidade São Francisco (USF). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Graduado em Letras – Português e Inglês, licenciatura, pela PUCPR. *E-mail*: rogerio.tomaz@fae.edu

## INTRODUÇÃO

As duas obras estudadas compreendem o Realismo, movimento artístico e cultural da segunda metade do século XIX, o qual surgiu em necessidade de contrapor o Idealismo Romântico. O Realismo iniciou-se na França no ano de 1857, com a obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert; e no Brasil, no ano de 1881, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo. Outras obras realistas importantes são: *Primo Basílio*, de Eça de Queirós (em Portugal); *Os Irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévski (na Rússia); *Anna Karenina* e *Guerra e Paz*, de Leon Tolstói (também na Rússia).

O contexto histórico que envolve o Realismo volta-se à Revolução Industrial, momento marcado pelos avanços técnico, científico e o crescimento econômico. A partir disso, surge o capitalismo desumano, acarretado do grande crescimento populacional e da exploração do operariado. Esse período favoreceu apenas a burguesia, no qual as classes operárias continuavam a mercê da pobreza. Foi nessa situação que surgiram os artistas realistas, incumbidos de representar essa realidade.

No Brasil, o contexto histórico que abrange o Realismo acontece na década de 1880, que permeia uma nação agrária, monarquista e escravocrata. Só nos anos finais dessa década que ocorre a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889). Outros fatos que marcaram o país nesse período foram: a aprovação da Lei Áurea (1888), a promulgação da Constituição Republicana Brasileira (1891) e a criação da Academia Brasileira de Letras (1897).

Portanto, conclui-se que o movimento realista tinha caráter ideológico, pois apresentava denúncias sociais da realidade humana. Assim sendo, permeavam temáticas como: ambiguidade nas ações e nos personagens, parasitismo social, adultério, vaidade, hipocrisia, egoísmo, fracasso na vida das personagens, limite entre a loucura e razão, e, principalmente, a crítica à instituição familiar, aos valores burgueses, ao clero, à Monarquia e ao preconceito racial. Perante a linguagem das obras realistas, o conteúdo era verossímil, objetivo, racional com uma narração lenta e descritiva.

Ao contrário dos críticos do tempo do Romantismo, os dessa fase tiveram que enfrentar uma realidade literária e ideológica muito mais complexa e móvel, pois a reação anti-romântica desaguou numa variedade de tendências, denominadas, segundo os modelos franceses que as inspiraram, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo. Simultaneamente, desenvolveram-se em relação à sociedade brasileira pontos de vista mais críticos e realistas, expressos por um ensaísmo pouco conformista, que encontrava paralelo na visão desmistificadora e contundente dos narradores mais avançados (CANDIDO, 1999, p. 57).

Gustave Flaubert nasceu em 12 de dezembro de 1821, na França, onde viveu até a morte em 8 de maio de 1880. A família do escritor ocupava a classe média e Flaubert demonstrou interesse pela literatura e teatro desde os primórdios da juventude. Estudou Direito na Universidade de Paris, por influência de seu pai, no entanto sem interesse pela área, entrega-se a vida boémia. Flaubert passa a ter desequilíbrios de saúde, como alucinações e crises nervosas, no qual o pai manda-o passar um tempo de recuperação em um sítio de Croisset. Em 1851, iniciou sua produção *Madame Bovary*, findando apenas em 1857, tornando-se a principal obra literária do autor.

Joaquim Maria Machado de Assis, considerado um dos mais importantes escritores da literatura brasileira, nasceu em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro, local onde viveu até a morte no ano de 1908. Diferente de Flaubert, Machado nasceu em uma família humilde, além disso, era mulato e sofria preconceito. Na infância, estudou em escola pública e aprendeu francês e latim. Teve inúmeras profissões. Foi revisor, funcionário público, colaborador de revistas e jornais, um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Pode-se dividir as obras do escritor brasileiro em duas fases: a romântica, no qual há características como o convencionalismo, conformismo e personagens planas, exemplos dessas temáticas são os romances *A Mão e a Luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia*; e a realista que apresenta características como a análise crítica da burguesia, a ironia, o pessimismo, o humor melancólico, a análise psicológica, o desprezo pelas instituições, é o que ocorre em vários dos contos de Machado: *O Alienista*, *Missa do Galo*, *Conto de Escola*, *O Caso da Vara*, *O Alienista* e *Pai contra Mãe*; e nos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Memorial de Aires*, *Esau e Jacó* e *Dom Casmurro*.

O sinal deste amadurecimento é a obra de Machado de Assis (1839-1908). Para muitos o maior escritor que o Brasil teve até hoje, ele era simbolicamente filho de um operário mulato e uma pobre imigrante portuguesa, reunindo na sua pessoa componentes bem característicos da população brasileira do tempo (CANDIDO, 1999, p. 52).

Neste artigo científico foi analisado o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, ambos pertencentes ao movimento realista, e comparou-se as características psicológicas das personagens femininas de *Capitu* e *Emma Bovary*. Com base nessas, perceber o gênero feminino nas obras com relação ao arquétipo da mulher, com embasamento teórico do livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés.

## 1 PSICOLOGIA FEMININA DE CAPITU E EMMA BOVARY

O romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, vale-se de uma narrativa cheia de incertezas, em que se sugere muito, porém, comprova-se pouco. O livro perpassa o ponto de vista de Bentinho, que possui alcunha de Dom Casmurro, devido a sua amarga solidão. O início do romance ocorre com o personagem Bentinho, resgatando lembranças do passado, quando ele resolve “atar as duas pontas da vida”. Logo, Bentinho, em sua retrospectiva, narra o amor por Capitu, sua infância no seminário, sua amizade com Escobar e o casamento com sua amada. Entretanto, Bentinho fica transtornado pelo ciúme, e culpa Capitu por traição, cujo amante seria seu amigo, Escobar. Ele rejeita também, seu filho, e até tenta matá-lo com a justificativa de ser fruto da traição de Capitu com Escobar. Ressalta-se, entretanto, ser o autor que faz Bentinho contar a história e não há nenhum resquício do ponto de vista de Capitu. Esse romance se encerra como o próprio nome da obra: Bentinho acaba cada vez mais solitário e casmurro.

A sua linguagem não tem a banalidade de um, nem a ênfase do outro: tem a simplicidade densa que é produto extremo do requinte e a fascinante clareza que encobre significados complexos, de difícil avaliação. Em face da sua obra, toda conclusão do leitor é um risco, porque nela o senso do mistério que está no fundo da conduta se traduz por um desencanto aparentemente desapaixonado, mas que abre a porta para os sentidos alternativos e transforma toda nação em ambiguidade (CANDIDO, 1999, p. 54).

Já o romance *Madame Bovary* scandalizou a sociedade europeia da época por abordar temas como o suicídio e o adultério. Flaubert pertencia à vida boémia, então ele participava ativamente dos dramas e erros daquela sociedade. Logo, ele se propôs a escrever nas obras a verdadeira realidade que o cercava. Contudo, percebe-se que o realismo presente nelas foi mal interpretado pela sociedade da época. Isso representa como a população sabia que a realidade era atroz, todavia estavam acostumados com a literatura romântica, que visava à perfeição. Tanto na obra de Flaubert, como em quase todas do movimento realista, há a presença do anti-herói e da mulher não idealizada.

Mas é inegável que o autor adotara os princípios da “ficção experimental”, estabelecidos pelos irmãos Goncourt, isto é: realizando por meios de ficção uma experiência com fatos encontrados na realidade. Também é inegável que Flaubert usou primeiro o método que mais tarde seria o de Zola: baseando sua ficção em documentação autêntica e usando notas de fatos observados. Flaubert não teria propriamente inventado o enredo nem os personagens. É, portanto, lícito perguntar pelas fontes de *Madame Bovary* (CARPEAUX, 2004, p. 6).

A narrativa discorre a história de Emma Bovary, filha de um camponês rico, educada em um convento com a companhia de moças da boa sociedade. Emma ansiava por aventuras semelhantes ao que lia em nos romances românticos, tanto que aceitou se casar com Charles Bovary para fugir da monotonia do campo. Entretanto, na medida em que convive com seu marido, ela acabava enojada. O descontentamento da personagem aumenta, paulatinamente, por Charles ser um homem simples, sem modos, alheio a aparência e, principalmente, por ser indiferente à vontade da redenção profissional como médico. Emma, descontente com a vida burguesa, acaba cometendo o adultério como forma de fuga da vida patriarcal que a fazia se sentir aprisionada. Por ser uma personagem plana, ela imagina que os amantes a amam de verdade, acarretando a perda de dignidade e dos escrúpulos. Emma, quando se vê abandonada pelo amante e cheia de dívidas, acaba se suicidando.

Madame Bovary ocupa, por vários motivos, posição central na história do gênero Romance. Durante séculos esse gênero passara por ser leitura indecente e corruptora, proibida às mocinhas. O processo de reabilitação foi vagaroso, interrompido por recidivas e uma delas foi, em 1857, o processo movido contra o autor de Madame Bovary perante a Sexta Corte Correccional do Tribunal de Sena. Flaubert foi absolvido pelos juízes, mas não pelos críticos puritanos, que não lhe perdoaram o tratamento cru do tema: adultério. Mesmo mais tarde houve quem opusesse à “indecência” de Madame Bovary a visão “mais sublime” de outro e quase contemporâneo romance de adultério: Anna Karenina (CARPEAUX, 2004, p. 5).

Ambas as obras exibem a ousadia das personagens femininas em uma época que a mulher tinha que se comportar de acordo a certos critérios impostos pela sociedade. Em outras palavras, o papel da mulher no século XVIII e XIX era moldado e voltava-se apenas para o casamento ou internato em um convento. A mulher nascia e participava do sistema patriarcal no âmbito familiar, comandado pelo pai; depois a família decidia os objetivos dela, o casamento ou convento. Se fosse o matrimônio, a mulher estaria à mercê de outro sistema patriarcal controlado pelo marido. Após o casamento, considerava-se mulher exemplar aquela que cuidava da casa, dos filhos e do marido. Constata-se esse sistema patriarcal nas duas obras em questão, mas a situação que interfere nesse processo tradicional é a vontade e os objetivos próprios do gênero feminino, isto é, as personagens femininas impõem as próprias vontades e atitudes.

A respeito desse assunto, Simone de Beauvoir (1970), no livro *O Segundo Sexo, fatos e mitos*, afirma que:

No século XVIII, a liberdade e a independência da mulher aumentam ainda. Os costumes em princípio permanecem severos: a jovem recebe apenas a educação sumária; é casada ou encerrada num convento sem que a

consultem. A burguesia, classe em ascensão e cuja existência se consolida, impõe à esposa uma moral rigorosa. Em compensação, a decomposição da nobreza outorga às mulheres as maiores licenças e a alta burguesia, por sua vez, é contaminada por tais exemplos; nem os conventos nem o lar conjugal conseguem conter a mulher. Digamos mais uma vez que para a maioria delas essa liberdade permanece negativa e abstrata: elas se restringem a procurar o prazer. Mas as que são ambiciosas e inteligentes criam possibilidade de ação para si mesmas. As vidas dos salões tomam novo impulso (BEAVOUIR, 1970, p. 135).

Os dois romances abordam o tema traição e adultério, em que Afrânio Coutinho, em *A Literatura no Brasil* (2003), comenta que em *Dom Casmurro*, Machado de Assis acumula pequenos fatos, gestos, que são denunciadores “De um modo geral, Machado não os apresenta, mas os denuncia, como se estivesse reunindo uma prova indiciária”. (2003, p. 166), enquanto Flaubert expõe os motivos e consequências do adultério de Emma. Carpeaux desfia no *Prefácio* da obra *Madame Bovary* sobre a infidelidade: “A história de Emma Bovary interessa e interessará sempre como o mais perfeito, o mais inexorável ‘romance de adultério’ [...]” (2014, p. 13). Ela também explica o significado do termo “bovarismo”: “Trata-se de um dos grandes tipos da natureza humana e seu protótipo é Emma Bovary, a triste heroína do romance de Gustave Flaubert” (2014, p. 5).

Afrânio Coutinho, explicita acerca da infidelidade em *Dom Casmurro*:

Essa infidelidade excede o conflito moral que os romances exploram no adultério. O livro não tem semelhante vulgaridade. É uma falha mais radical, uma traição à infância, uma negação da poesia da vida, tanto mais dura, quanto se tem a impressão de que tinha de ser assim. É essa a conclusão do escritor, a moralidade da história, se assim podemos dizer, pois tudo bem considerado, a Capitu de agora já estava toda inteira na doce companheira da meninice, que riscava a carvão, para entrelaçá-los eternamente, os nomes de ambos, no muro do quintal (COUTINHO, 2003, p. 167).

Capitu e Emma Bovary são personagens com particularidades equivalentes, ao mesmo tempo, que distantes. Capitu tem maior desenvolvimento psicológico, no sentido de perspicácia, contraposto à Emma que se torna cada vez mais ingênua no decorrer da narrativa. A grande familiaridade é que ambas personagens são “heroínas” por se contraporem a viverem conforme critérios patriarcais impostos na sociedade burguesa da segunda metade do século XIX, para assim perseguirem os próprios instintos e vontades. Clarissa Pinkola Estés, analista junguiana, Doutora em Psicologia Etnoclínica e Pós-Doutora em Psicologia Analítica, aborda no livro *Mulheres que correm com os lobos*, relatos sobre os costumes do arquétipo da Mulher Selvagem, por intermédio de histórias de mulheres na conquista dessa liberdade natural.

Ao recuperar esses poderes das sombras da nossa psique, deixaremos de ser simples vítimas das circunstâncias internas ou externas. Não importa de que forma a cultura, a personalidade, a psique ou outra força qualquer exija que a

mulher se vista ou se comporte; não importa como eles todos possam desejar manter as mulheres vigiadas por suas damas de companhia, cochilando por perto; não importa que tipo de pressão tente reprimir a expressão da alma da mulher, nada disso pode alterar o fato de que uma mulher é o que é, e que sua essência é determinada pelo inconsciente selvagem, o que é bom (ESTÉS, 2018, p. 89).

Capitu é descrita como morena, de olhos claros e grandes, boca fina e queixo largo. Além de atrevida, curiosa, lúcida e inteligente, eram os olhos que encantavam Bentinho. Aliás, o olhar da personagem foi mencionado, em primeiro momento, pelo agregado José Dias “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu...Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada” (2014, p. 42). O comentário serve de início para que Bentinho observasse os comportamentos incomuns da amada. Emma, por sua vez, era esbelta, pálida, com cabelos negros, lábios carnudos, e assim como Capitu, eram os olhos que chamavam atenção: “O que tinha de mais belo eram os olhos; embora fossem castanhos, pareciam negros por causa dos cílios longos, e seu olhar era franco e com um atrevimento cândido” (2014, p. 27).

Como mencionado no comentário de José Dias, Capitu dissimulava em determinadas situações, para alcançar os objetivos, como quando criticou a mãe de Bentinho, ao mesmo tempo que a tratava de maneira fraternal. Já Emma, usava da dissimulação para esconder a insatisfação no casamento, como boa mãe, esposa exemplar e ocultando os adultérios. Como mulheres numa sociedade patriarcal, ambas tinham ciência de que era necessário “fingir”, para serem bem vistas e aceitas, caso contrário, seriam julgadas como promíscuas. Virginia Woolf, escritora inglesa moderna, discorre, em *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, sobre a dificuldade das mulheres exporem opiniões próprias, tendo em vista o desagrado da comunidade.

Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo. E segundo o Anjo do Lar, as mulheres não podem tratar de nenhuma dessas questões com liberdade e franqueza; se querem se dar bem, elas precisam agradar, precisam conciliar, precisam - falando sem rodeios - mentir (WOOLF, 2018, p. 13).

Como uma das características da escola realista, a condição real pós-casamento, Capitu e Bentinho são personagens que se casaram por consentimento e amor. Porém, devido aos ciúmes doentio de Bentinho, Capitu acabou sendo vítima de um relacionamento abusivo, pois seu marido, constantemente, desconfiava e acusava-a de traição, sem prova concreta de tal denúncia. Estés descreve que mulheres nessa situação acabam acostumando com a trivialização da violência, como os cientistas denominaram de “aprendizado da impotência” “[...] que não só influencia as mulheres ficar com parceiros alcólatras, padrões exploradores e grupos que se aproveitam delas e as importunam [...]” (2018, p. 280), tornando-se incapazes de reconstruir o estilo de

vida, a preferência política, o amor e a arte. Constata-se também essa realidade em Emma, que insatisfeita e infeliz no casamento, aspira em viver um amor conforme os romances que lera, recorrendo ao adultério como forma de evasão.

Entre a imensa classe média, poucas mulheres alcançaram posições de destaque, e essa condição social anódina não atraía a mesma atenção que se dava aos esplendores dos ricos e às misérias dos pobres. Lá continuam elas, mesmo na primeira metade do século XIX, um vasto corpo, vivendo, casando-se, criando filhos na monótona obscuridade, até que finalmente começamos a imaginar se não havia algo na própria condição delas - a idade com que se casavam, o número de filhos que tinham, a privacidade que lhes era negada, as rendas que não possuíam, as convenções que as sufocavam, a educação que nunca recebiam [...] (WOOLF, 2018, p. 53-54).

Diferente de Capitu, Emma é ingênua e fica presa aos amores falsos que a levaram a ruína. Estés explica que a mulher ingênua insiste em permanecer na “ignorância”, sucedendo como fáceis de serem logradas, pois mesmo fragilizadas insistem em permanecer no conforto, na diversão, nas promessas de prazeres, no amor eterno e no sexo ardente. Segundo a autora, esse “erro de raciocínio é quase rotineiro numa mulher tão jovem cujos sistemas de alarme ainda não estão totalmente desenvolvidos” (ESTÉS, 2018, p. 62). Diante disso, a importância da escolha criteriosa de um companheiro ou amigo, que a considere como uma criatura viva, ajudá-la-ia na manutenção do controle sobre a consciência. Paulatinamente, a infelicidade de Emma aumenta. Inicia-se com a aversão ao marido, Charles “[...] e ia meter-se na cama, de barriga para cima e roncando” (FLAUBERT, 2014, p. 48); com o abandono do primeiro amante, Rodolphe “Emma parecia-se com todas as amantes, e o encanto da novidade caía pouco a pouco como uma vestimenta [...]” (Ibidem, p. 172); com o desdém do último amante, Léon; culminando com o suicídio.

As personagens administravam os orçamentos e afazeres da família. Porém, aos comparar as duas personagens femininas, Capitu obteve maior sucesso, enquanto Emma faliu o marido. Isso ocorreu pela dificuldade de Emma em manter o foco, que se utilizou de extravagâncias e gastos supérfluos para suprir seu vazio existencial. Estés esclarece acerca da dificuldade em manter a consciência e fidelidade em não ceder a apetite perturbadores, para a realização da conexão psíquica: “É demorado o mergulho até os nomes lá no fundo, e demorada a volta até a superfície. Manter o conhecimento no consciente é difícil quando há armadilhas ao longo do caminho” (2018, p. 148). Ela relata, também, sobre a procura de um pouco de emoção no início do relacionamento, como nos adultérios de Emma com Rodolphe e Léon, conhecido como “companhia para me ajudar a passar a noite”. Logo, há o perigo dessa condição adentrar desavisadamente na psique: “Se sairmos a pescar nessas águas, podemos ter certeza de que a figaremos” (2018, p. 163).

Emma, nas infidelidades, ama intensamente e engana-se que será correspondida da de igual maneira. Assim, ela insiste em permanecer nesse relacionamento não

correspondido, forçando e exigindo o amor perfeito aos companheiros. A insistência em prosseguir e forçar um amor apenas pelo aspecto positivo é o que acaba desfalecendo o afeto, transformando o relacionamento cada vez mais mumificado.

Estés também descreve que quanto mais o parceiro tenta fugir no relacionamento, o outro retorna com mais vivacidade em permanecer e lutar pelo amor não correspondido: “A dependência é qualquer coisa que esgota a vida, dando a ‘impressão’ de que a torna melhor. [...] É por isso que é importante recuperar o instinto prejudicado para que a pessoa não fique em condição vulnerável ou degenerativa” (2018, p. 541).

Por fim, percebe-se que Capitu, apesar das adversidades do casamento, permaneceu saudável na consciência psíquica até a morte, que fora natural. Enquanto o psicológico de Emma Bovary foi, corriqueiramente, destruído por armadilhas que a própria personagem não soube contornar, pela condição vulnerável. Findou-se de maneira trágica, encontrando o suicídio como forma de resolução dos problemas, propriamente das dívidas existentes. O único que lamentou a morte foi o marido, Charles, vindo a falecer, posteriormente, pela descoberta das traições. Os amantes de Emma permaneceram alheios, até após ter ciência de sua morte: “Rodolphe, que para distrair-se caminhara pelo bosque o dia inteiro, dormia tranquilamente em seu castelo; Léon, distante, dormia também” (FLAUBERT, 2014, p. 296).

Foi a falta de instinto para reconhecer as armadilhas, para saber quando basta, para criar limites para a defesa da saúde e do bem-estar, para entender que os excessos quebram alguns ossinhos psíquicos, depois outros maiores, até que finalmente todo o esqueleto de sustentação da psique cai por terra e a pessoa vira uma massa amorfa em vez de uma força poderosa (ESTÉS, 2018, p. 285).

A presente análise, utilizando-se da literatura comparada, permite observar que os desejos das personagens, em ambas as obras, destinam-se ao perfil traçado pela sociedade da época. Ao tentar contrapor este pensamento, as personagens assumem os riscos e as responsabilidades dos atos exercidos, sendo julgadas, não pelo livre arbítrio, mas pelo peso das ideologias naquele momento social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi realizada por intermédio da leitura das obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, em que se priorizaram as análises das características das personagens femininas Capitu e Emma Bovary. Nesse conjunto, dialogou-se com as ideias do livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, com o intuito de assimilar como as obras realistas trabalham com o arquétipo da mulher. Também houve embasamento no livro *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, de Virginia Woolf para complementar a leitura. Espera-se que novos estudos venham a complementar as ideias exposta nesta pesquisa científica, uma vez que a temática destaca-se pela contemporaneidade e momento histórico-social.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Trad. de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Humanistas Publicações, 1999.

COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Global, 2003.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Trad. de Sérgio Duarte e Prefácio de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações, 2014.

\_\_\_\_\_. **Madame Bovary**. Trad. de Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2008.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2018.